

OS ESTUDOS CIGANOS NO BRASIL: 1885-2010.

Frans Moonen

fjmmoonen@yahoo.com.br

No Brasil, quem pretender estudar ciganos enfrenta logo um enorme problema: a falta de bibliografia. Nas livrarias encontrará quase somente bibliografia esotérica. Muitas bibliotecas universitárias não possuem um único livro sobre ciganos. Encontrar uma livraria ou biblioteca com bibliografia cigana em línguas estrangeiras é mais difícil ainda.

A situação melhorou com a chegada da internet, na qual podem ser encontradas livrarias e sebos que possibilitam a compra de bibliografia nacional ou estrangeira. Várias bibliotecas virtuais, organizações não-governamentais ou ciganólogos divulgam gratuitamente bibliografia cigana.

Apesar de tudo, a produção ciganológica brasileira ainda é muito reduzida, embora esteja aumentando nos últimos anos. A bibliografia citada a seguir está longe de ser completa e com certeza existem outros tantos livros e ensaios, monografias, dissertações e teses, publicados ou inéditos, cuja existência ignoro.

Não serão mencionados ensaios que tratam somente de assuntos esotéricos ou obras literárias, nem pequenos artigos.

OS PIONEIROS: 1885 - 1948.

Três intelectuais podem ser considerados os “pioneiros” da ciganologia brasileira. O primeiro foi MELLO Moraes Filho (1885/1886)¹. Seu primeiro trabalho, *Cancioneiro dos Ciganos* (1885), é uma coletânea de poesias supostamente ciganas, escritas em português com acréscimo de umas poucas palavras do “dialeto calon”, que o autor teria recolhido entre os ciganos Calon do Rio de Janeiro. Mas foi seu ensaio de 1886, *Os Ciganos no Brasil*, que marcou o início dos Estudos Ciganos no Brasil, apesar de todas

¹ MELLO Moraes Filho. 1981 [1886/1885]. *Os ciganos no Brasil & Cancioneiro dos ciganos*, Belo Horizonte: Itatiaia; 1904. “Quadrilhas de ciganos”, IN: *Fatos e Memórias*, Rio de Janeiro: Garnier, Parte III [reproduzida IN: Mota, Ático Vilas-Boas de (org.) 2004. *Ciganos: antologia de ensaios*, Brasília: Thesaurus, pp.19-39]

as suas fragilidades. A primeira parte do livro informa, em apenas 50 páginas, sobre a origem e as migrações ciganas, os ciganos na Espanha e em Portugal e a comunidade calon sedentária do Rio de Janeiro. Esta parte contém ainda considerações sobre ciganos ricos e ilustres, as rezas e superstições, rituais de casamento, defloramento e funerários, vestimentas e ornamentos. Nas duas partes seguintes dedica-se mais uma vez a trovas e canções, e na última parte relaciona um vocabulário calon-português. Em 1904 dedicou uma parte de um livro a *Quadrilhas de Ciganos*.

O segundo ciganólogo foi José Baptista d'Oliveira CHINA, meio século depois, em 1936. Seu livro *Os ciganos do Brasil* (embora publicado numa revista como artigo com cerca de 350 páginas) inicia com uma "Introdução Geral", na qual trata da origem dos ciganos, o seu aparecimento na Europa Central e Ocidental, e sua chegada na Espanha e Portugal. A parte "subsídios históricos" é dedicada aos ciganos no Brasil. Os "subsídios etnográficos" tratam principalmente do tipo físico dos ciganos e não, como hoje o título faria supor, de sua cultura. A parte "subsídios lingüísticos" é a maior de todas. No final há ainda um "Apêndice" sobre a situação dos ciganos não-ibéricos no Brasil.²

Como terceiro pioneiro costuma ser citado João DORNAS FILHO que em 1948 publicou um artigo sobre *Os ciganos em Minas Gerais*, baseando-se em documentos históricos, principalmente em relatórios policiais e páginas policiais de jornais. O ensaio consiste basicamente de uma narrativa de roubos, saques, seqüestros e assassinatos, pretensamente praticados por ciganos.³

LIVROS DE DIVULGAÇÃO.

Levaria algumas décadas até surgirem novos ensaios quando, estimulados pelo crescente interesse popular por assuntos esotéricos, além da exibição de duas novelas da TV-Globo que apresentaram personagens ciganas, alguns autores publicaram trabalhos genéricos sobre ciganos que, por falta de um nome melhor, chamarei de "livros de divulgação". Estes livros caracterizam-se pela ausência de quaisquer orientações teóricas como também de metodologias e técnicas de pesquisa científica.

² CHINA, J. d'Oliveira. 1936. "Os ciganos do Brasil", *Revista do Museu Paulista*, Tomo XXI, pp. 323-669 [existe uma "separata" deste ensaio em forma de livro, e que começa a partir da página 1].

³ DORNAS FILHO, J. 1948. "Os ciganos em Minas Gerais", *Rev. do Inst. Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, Vol. III, pp. 138-187

Veja-se como exemplos Cristina da Costa PEREIRA (1985, 1989, 2009)⁴, Rosaly SCHEPIS (1999)⁵, Claudia Camargo de CAMPOS (1999)⁶. Todas generalizam sobre a assim chamada “cultura cigana”, como se existisse somente uma, e não se preocupam com a enorme diversidade entre os ciganos. Além disto, nestes ensaios fica difícil saber quais informações foram obtidas pessoalmente – como, quando e aonde – e quais se baseiam em informações bibliográficas. As referências bibliográficas, por sinal, costumam ser escassas ou então até totalmente ausentes. O leitor que acredita no que quiser. Talvez fosse melhor denominar estes autores não de ‘ciganólogos’, mas de ‘ciganófilos’, um amor às vezes confesso, ou pelo menos claramente perceptível em seus ensaios. A esta categoria pertence também o polígrafo Asséde PAIVA (2000)⁷, autor de uma grande variedade de ensaios originalmente divulgados no seu (ex) site na internet.

AUTORES CIGANOS.

Pela primeira vez, também, surgem autores ciganos: Oswaldo MACEDO (1992)⁸, Jordana ARISTICTH (1995)⁹, Hugo CALDEIRA (1996)¹⁰ e Sally LIECHOCKI (1999).¹¹

Quase todo o livro de Macedo é copiado/plagiado de outros autores, cujos nomes e ensaios infelizmente ele esqueceu de mencionar. Por exemplo, as páginas 107 a 216, ou seja mais de cem páginas, foram plagiadas do cigano espanhol Juan de Dios Ramirez-Heredia (1980)¹². Por sinal, com informações inúteis para o leitor brasileiro.

Preocupantes são algumas idéias das duas escritoras ciganas. Aristicth afirma que “... é extremamente proibido ensinar o nosso idioma para pessoas não-ciganas. Todo cigano autêntico conhece esta proibição” (1995: 33). “É inadmissível que um não-cigano venha a conhecer mais as nossas tradições, hábitos e costumes do que nós mesmos” (1995: 67). Liechocki não fica atrás: “Este meu livro fala ou conta o que pode ser contado; outras coisas serão *sempre* para os outros povos um grande segredo e

⁴ PEREIRA, C. da Costa. 1985. *Povo cigano*, Rio de Janeiro (edição da autora); 1989. *Os ciganos continuam na estrada*, Rio de Janeiro: Ribro-Arte; 2009. *Os ciganos ainda estão na estrada*, Rio de Janeiro: Rocco.

⁵ SCHEPIS, R. M. 1999. *Ciganos: os filhos mágicos da Natureza*, São Paulo: Madras

⁶ CAMPOS, C. Camargo. 1999. *Ciganos e suas tradições*, São Paulo: Madras

⁷ PAIVA, A. 2000. *Odisséia dos Ciganos*, Rio de Janeiro (edição do autor)

⁸ MACEDO, O. 1992. *Ciganos: natureza e cultura*, Rio de Janeiro: Imago

⁹ ARISTICTH, J. 1995. *Ciganos: a verdade sobre nossas tradições*, Rio de Janeiro: Irradiação Cultural

¹⁰ CALDEIRA, H.. 1996. *A bíblia e os ciganos*, Belo Horizonte: O Escriba Editora

¹¹ LIECHOCKI, S. E. 1999. *Ciganos: a realidade*, Niterói: Heresis

¹² RAMIREZ-HEREDIA, J. DE DIOS, 1980. *En defensa de los mios*, Barcelona: Ediciones 29

nada deverá ser dito. De algumas coisas os não-ciganos deverão continuar ignorantes” (1999: 16). Mais adiante fala de quatro “Vasos” (da harmonia, do amor, de segurança, da fortuna) e afirma que “Em cada tenda cigana existem três espécies de vasos. Este é um segredo que não pode ser revelado e, portanto, nada mais será dito” (1999: 50). Ela não explica porque o número de vasos foi reduzido de quatro para três. Aliás, ela não explica coisa alguma.

Mais sensato é Caldeira que na conclusão de seu ensaio escreve: “É preciso que o meu povo também vá tomando consciência da enorme necessidade que temos de nos mostrar como realmente somos. Quanto mais nos escondermos, mais damos margem ao aparecimento de falsas idéias a nosso respeito. (...) Eu espero que este trabalho possa agradar a todos, ciganos e gadjés, e que possamos, juntos, buscar novos caminhos de solidariedade e paz” (1996: 99).

ENSAIOS SOBRE ANTICIGANISMO E POLÍTICAS CIGANAS.

Alguns autores brasileiros dedicaram umas poucas páginas à perseguição e discriminação dos ciganos. Mais amplamente o assunto passou a ser tratado a partir de 1992, quando o procurador Luciano Mariz MAIA, da Procuradoria da República da Paraíba, instaurou um Inquérito Civil sobre violações aos direitos e interesses de 450 ciganos Calon na cidade de Sousa, no alto sertão da Paraíba. Constatando a ausência quase total de bibliografia ciganológica nacional e estrangeira na Paraíba, e para poder melhor instruir o Inquérito, o procurador realizou curso de pós-graduação sobre os direitos de minorias étnicas em Londres / Inglaterra (1995)¹³. Solicitou, ainda, a colaboração do antropólogo Frans MOONEN para uma pesquisa mais aprofundada sobre o anticiganismo e as políticas ciganas na Europa, além de uma pesquisa de campo entre os Calon de Sousa, na Paraíba. Uma dezena de ensaios de Moonen, desde 1993 divulgados em revistas ou pela internet (www.dhnet.org.br), visam fins práticos ou didáticos. Tratam principalmente da história e situação atual dos ciganos, do movimento cigano e de políticas ciganas, na Europa e no Brasil.¹⁴

¹³ MAIA, L. Mariz. 1995. *The Rights of the Gypsies under English and Brazilian Law*, London: School of Oriental and African Studies, LMM Essay

¹⁴ MOONEN, F. 1993. *Ciganos Calon no sertão da Paraíba, Brasil*, João Pessoa: PR/PB (1994 em Cadernos de Ciências Sociais 32, João Pessoa: MCS/UFPB); 2000a. *Rom, Sinti e Calon: os assim chamados ciganos*, Recife: NEC, E-Texto nº 1 [www.dhnet.org.br]; 2000b. *As Minorias Ciganas: direitos e reivindicações*, Recife: NEC, E-Texto nº 3 [www.dhnet.org.br]; 2000c. *Ciganos Calon na Paraíba, Brasil (1993)*, Recife: NEC, E-Texto nº 4 [www.dhnet.org.br]; 2004. “Ciganos Calon na cidade de Sousa,

CIGANOLOGIA ACADÊMICA.

Monografias de conclusão de curso de graduação.

A maior produção da "ciganologia brasileira" ocorreu na área universitária, para a obtenção de títulos acadêmicos, e não para melhorar a vida dos ciganos. A partir do final da década de 80, esta perspectiva acadêmica produziu vários relatórios de pesquisas e monografias de conclusão de cursos de graduação, todos inéditos. Alguns exemplos são, em **Ciências Sociais**: Maria L. Nunes RODRIGUES (1987)¹⁵; Carlos C. Hoffmann (1992)¹⁶; Dimitri Fazito de Almeida REZENDE (1995a; 1995b)¹⁷; Davi de Oliveira BELLAN (2009)¹⁸; em **Serviço Social**: Rosicleide Alves da SILVA (1999)¹⁹; em **História**: Cândida Ninon R. SOBREIRA (1995)²⁰; Lázara Silveira da Silva CUNHA (2001)²¹; Zuleica BORK (2005)²²; em **Geografia**: Virgínia R. dos Santos BUENO (1990)²³; Rodrigo Corrêa TEIXEIRA (1993)²⁴.

Paraíba", IN: Mota, Ático Vilas-Boas da (org.), *Ciganos: antologia de ensaios*, Brasília: Thesaurus, 2004, pp.131-186 [observação: publicado sem autorização do autor; talvez por lapso, Mota incluiu nas páginas 131-155 uma parte sobre ciganos na Holanda, que nada tem a haver com os ciganos de Sousa e foi copiada de outro ensaio de Moonen]; 2008a. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*, Recife [www.dhnet.org.br]; 2008b. *Ciganos Calon no sertão da Paraíba: 1993 e 2000*, Recife [www.dhnet.org.br]; 2008c. *Políticas ciganas: subsídios para encontros e congressos dos ciganos no Brasil*, Volume 1 (documentos) Recife [inédito, fjmmoonen@yahoo.com.br]; 2009. *Políticas ciganas: subsídios para encontros e congressos dos ciganos no Brasil*, Volume 2 (temas), Recife [inédito, fjmmoonen@yahoo.com.br]

¹⁵ RODRIGUES, M. L. Nunes. 1987. *Considerações gerais acerca dos elementos principais na manutenção da identidade étnica do povo cigano*, Belo Horizonte: UFMG (monografia de Ciências Sociais)

¹⁶ HOFFMANN, C. C. 1992. *A alma roubada: estudo de um grupo cigano em Jaraguá do Sul*, Blumenau: Instituto de Pesquisas Sociais

¹⁷ REZENDE, D. F. de Almeida. 1995a. *Atitudes, comportamentos e etnicidade: um estudo sobre uma minoria cigana de Belo Horizonte a partir de um modelo de conflito/competição*, Belo Horizonte: UFMG (monografia de Ciências Sociais); 1995m. *Os ciganos na cidade: um estudo sobre o contato interétnico*, Belo Horizonte (monografia apresentada ao PES/CAPEs)

¹⁸ BELLAN, D. de Oliveira, 2009. *Casamento, gênero e poder: a comunidade cigana de Campos dos Goytacazes-RJ*, Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense (monografia de Ciências Sociais)

¹⁹ SILVA, R. Alves da. 1999. *Os ciganos Calon em Sergipe*, São Cristóvão/Aracajú: UFSE (monografia de Serviço Social)

²⁰ SOBREIRA, C. N. R. 1995. *Trajatória cigana: um povo fiel a si mesmo*, Belo Horizonte: PUC (monografia de História)

²¹ CUNHA, L. Silveira da Silva. 2001. *A presença dos ciganos em Goiás*, Itapuranga: Universidade Estadual de Goiás (monografia de História)

²² BORK, Z. A. 2005. *Ciganos à beira mar (Camboriú): saias ao vento, música no ar*, Itajaí: UNIVALE (monografia de História)

²³ BUENO, V. R. dos Santos. 1990a. *Espacialidade e territorialidade dos grupos ciganos na cidade de São Paulo*, São Paulo: USP (relatório de especialização em Geografia)

²⁴ TEIXEIRA, R. Corrêa. 1993. *A 'questão cigana': uma introdução*, Belo Horizonte: UFMG (monografia de Geografia)

Dissertações e teses.

Na área de **História** e **Geografia**, apenas alguns mestrandos mostraram interesse em ciganos, como Sônia M. Ribeiro Simon CAVALCANTI (1994)²⁵; Solange T. de LIMA (1996)²⁶; Rodrigo Corrêa TEIXEIRA (1998)²⁷; Isabel Cristina Medeiros Mattos BORGES (2007)²⁸ e Lorival ANDRADE JUNIOR (2008).²⁹

De outras áreas acadêmicas podem ser citadas ainda: **Planejamento Urbano** - Maria de Lourdes Pereira FONSECA (1996)³⁰; **Linguística** - Fábio J. Dantas de MELO, (2005 e 2010)³¹; **Psicologia Clínica** - Valéria Sanchez SILVA (2006)³²; **Educação** - Silvia Régia Chaves de Freitas SIMÕES (2007)³³; **Literatura** - a cigana Ana Paula Castelo B. SORIA (2008)³⁴. O professor de literatura Sérgio Paulo ADOLFO (1999)³⁵ apresentou ainda um livro, baseado em pesquisa de campo, sobre ciganos Horarranê, no Paraná; **Letras**: Pilar Castro PEREIRA (2010)³⁶; **Multimeios**: Eliane Medeiros BORGES

²⁵ CAVALCANTI, S. M. Ribeiro Simon. 1994. *Caminheiros do Destino*, São Paulo: PUC/SP (dissertação de História)

²⁶ LIMA, S. T. de. 1996. *Paisagens & Ciganos*, Rio Claro: UNESP (tese de Geografia)

²⁷ TEIXEIRA, R. Corrêa. 1998. *Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808-1903)*, Belo Horizonte: UFMG (dissertação de História) [novas versões em 2000. *História dos ciganos no Brasil*, Recife: NEC, E-texto 2 (www.dhnet.org.br) e 2007. *Ciganos em Minas Gerais: breve história*, Belo Horizonte: Crisálida].

²⁸ BORGES, I. C. Medeiros Mattos. 2007. *Cidades de portas fechadas: a intolerância contra os ciganos na organização urbana na Primeira República*, Juiz de Fora: UFJF (dissertação de História)

²⁹ ANDRADE JUNIOR, L.. 2008. *Da barraca ao túmulo: cigana Sebina Christo e a construção de uma devoção*, Curitiba: UFPR (tese de História)

³⁰ FONSECA, M. de L. Pereira. 1996. *Espaço e cultura nos acampamentos ciganos de Uberlândia*, Brasília: UnB (dissertação de Planejamento Urbano)

³¹ MELO, F. J. Dantas de. 2005. *Os ciganos Calon de Mambai: a sobrevivência de sua língua*, Brasília: Thesaurus (dissertação de Linguística); 2010. *A língua da comunidade calon da região norte-nordeste do Estado de Goiás*, Brasília: UnB (tese de linguística)

³² SILVA, V. Sanchez. 2006. *Devir cigano: o encontro cigano – não cigano (rom – gadjé) como elemento facilitador do processo de individuação*, São Paulo: PUC (dissertação de Psicologia Clínica)

³³ SIMÕES, S. R. Chaves de Freitas. 2007. *Educação cigana: entre-lugares entre escola e comunidade étnica*, Florianópolis: UFSC (dissertação de Educação)

³⁴ SORIA, A. P. C. B. 2008. *Entre a dor de ser “cigano” e o orgulho de ser romà*, Brasília: UnB (dissertação de Literatura)

³⁵ ADOLFO, S. P. 1999. *Rom: uma odisséia cigana*, Londrina: Editora UEL

³⁶ PEREIRA, P. Castro. 2010. *Re-memory and construction of the romani identity: a reading of the ‘Eight Sin’ by Stefan Kaufer, and ‘Zoli’ by Colum McCann*, Rio de Janeiro: UERJ (dissertação de Letras)

(1995)³⁷; Regine A. Rossi HILKNER (2008)³⁸; **Comunicação**: Alice Lamari Santos FREIRE (2009)³⁹

A maior parte de trabalhos acadêmicos sobre ciganos foi produzida na área de **Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia)**, cujo número deve aumentar sempre mais. Maria de Lourdes SANT'ANA (1983)⁴⁰ e Moacir Antônio LOCATELLI (1981)⁴¹ publicaram dissertações de mestrado em Antropologia sobre ciganos Rom no Centro-Sul do Brasil. Sant'Ana realizou sua pesquisa na cidade de Campinas, em São Paulo, em 1970/72, e Locatelli em Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, no final da década de 70. Somente a partir de 1999 seguiram várias outras dissertações e teses em Ciências Sociais, todas inéditas: Maria LOPES (1999 e 2004)⁴²; Dimitri Fazito de Almeida REZENDE (2000)⁴³; Florência FERRARI (2002 e 2010)⁴⁴; Claudia Bomfim da FONSECA (2002)⁴⁵, Mirian Alves de SOUZA (2006)⁴⁶, Erisvelton Sávio Silva de MELO (2008)⁴⁷; Lailson Ferrari da SILVA (2010).⁴⁸

³⁷ BORGES, E. Medeiros. 1995. *Entre a exuberância e o mistério: um olhar videográfico sobre a mulher cigana*, Campinas: Unicamp (dissertação de Multimeios)

³⁸ HILKNER, R. A. Rossi. 2008. *Ciganos, peregrinos do tempo: ritual, cultura e tradição*, Campinas: Unicamp (tese de Multimeios)

³⁹ FREIRE, A. Lamari Santos. 2009. *“Escute, gajon”: cinema documentário, dinâmica cultural e tradição seletiva numa pesquisa audiovisual com os ciganos Calon de Mambai, Goiás*, Brasília: UnB (dissertação de Comunicação)

⁴⁰ SANT'ANA, M. de L. 1983. *Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*, São Paulo: USP (dissertação de Antropologia)

⁴¹ LOCATELLI, M. 1981. *O ocaso de uma cultura: uma análise antropológica dos ciganos*, Santa Rosa: Barcellos Editora (dissertação de Antropologia)

⁴² LOPES, M. P. Sulpino. 1999. *Ser viajor, ser morador: uma análise da construção da identidade cigana em Sousa – PB*, Porto Alegre: UFRGS (dissertação de Antropologia); LOPES, M. P. Goldfarb. 2004. *O “Tempo de Atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB*, João Pessoa: UFPB (tese de Sociologia)

⁴³ REZENDE, D. F. de Almeida. 2000. *Transnacionalismo e etnicidade: a construção simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana)*, Belo Horizonte: UFMG (dissertação de Sociologia)

⁴⁴ FERRARI, F.. 2002. *Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre ciganos*, São Paulo: USP (dissertação de Antropologia); 2010. *O mundo passa: uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros*, São Paulo: USP (tese de Antropologia Social)

⁴⁵ FONSECA, C. Bomfim da. 2002. *A dança cigana: a construção de uma identidade cigana em um grupo de camadas médias no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UFRJ (dissertação de Antropologia)

⁴⁶ SOUZA, M. Alves de. 2006. *Os ciganos calon do Catumbi: ofício, etnografia e memória urbana*, Niterói: UFF (dissertação de Antropologia)

⁴⁷ MELO, Erisvelton Sávio SILVA DE. 2008. *“Sou cigano sim!”: identidade e representação, uma etnografia sobre os ciganos na região metropolitana do Recife – PE*, Recife : UFPE (dissertação de Antropologia)

⁴⁸ SILVA, L. Ferrari da. 2010. *“Aqui todo mundo é da mesma família”: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na cidade alta, Limoeiro do Norte – CE*, Natal: UFRN (dissertação de Ciências Sociais)

PROBLEMAS ACADÊMICOS.

Conforme se vê, as universidades brasileiras já oferecem uma razoável produção acadêmica sobre ciganos, nas mais diversas áreas, e sobre os mais diversos assuntos. A relação acima dos trabalhos acadêmicos é incompleta. Obviamente devem existir outros tantos mais, mas cuja existência ignoro. A quase totalidade é inédita, e apenas uma parte é divulgada digitalmente na internet (cfr. por exemplo <http://bdtd.ibict.br>). Descobrir ensaios acadêmicos datilografados antes da era do computador e da internet, e que devem descansar numa prateleira ou arquivo na universidade onde foram apresentados, é tarefa praticamente impossível.

Infelizmente, a qualidade destes ensaios acadêmicos muitas vezes deixa a desejar, o que, em parte, talvez se explique pela enorme dificuldade de seus autores obterem bibliografia cigana em bibliotecas ou livrarias brasileiras. Hoje a situação melhorou, graças à existência de bibliotecas ou livrarias virtuais. Acrescenta-se que a quase totalidade da bibliografia ciganológica é publicada em inglês ou francês, línguas cuja leitura apenas poucos pós-graduandos brasileiros parecem dominar suficientemente.

Por outro lado, também devemos levar em consideração a dificuldade, ou quase sempre impossibilidade, de os estudantes disporem de docentes competentes para orientar suas pesquisas acadêmicas sobre a questão cigana. Os orientadores destes ensaios podem ser excelentes docentes e pesquisadores, mas a quase totalidade deles, por motivos mais do que justificáveis, sabe absolutamente nada sobre ciganos, nunca leu um livro sobre ciganos, nem antes nem depois de assumir a orientação. Daí porque costumam exigir dos seus orientandos extensas leituras teóricas.

Piasere (1989)⁴⁹, falando da produção acadêmica sobre ciganos na Itália, informa que, em teoria, a escolha destas leituras é livre e cabe aos estudantes, mas na prática escolham as teorias preferidas do orientador.⁵⁰ Isto é quando esta “livre escolha” não é imposta pelo orientador, que então exige extensas leituras sobre as teorias de sua preferência e de acordo com sua própria especialização. Ou, no Brasil, conforme sua ideologia política.

⁴⁹ PIASERE, L. , “Les amours des tsiganologues”, IN: Williams, P. (ed.) *Tsiganes: identité, evolution*, Paris: Études Tsiganes / Syros Alternatives, 1989, pp. 99-110

⁵⁰. Para os antropólogos recomendo também Houseman, M., “Étude des tsiganes et questions d’anthropologie”, Piasere, L., “Les Tsiganes sont-ils ‘bons à penser anthropologiquement?’”, e Okely, J., “L’étude des Tsiganes: un défi aux hégémonies territoriales et institutionnelles en anthropologie”, todos na revista *Études Tsiganes* 2/1994, pp. 11-58.

No Brasil, na melhor das hipóteses, o orientador indicará a bibliografia da moda (mas muitas vezes nem sequer esta), que em geral pouco tem a haver com a realidade dos ciganos que constituem uma minoria étnica *sui generis*, e que pouco ou nada ajuda durante a pesquisa de campo propriamente dita.

Piasere lembra ainda que o estudante se submete a este sistema porque sua finalidade é obter um título acadêmico, para o que é preciso ser aprovado primeiro por seu orientador, e depois por uma banca examinadora. O que os ciganos acham, não interessa e ninguém pergunta. No Brasil, conforme já foi dito, nem o orientador nem os membros da banca costumam ter lido livros sobre ciganos, e menos ainda realizaram eles próprios pesquisa de campo entre ciganos. Mas sabem (ou acreditam saber) tudo sobre (algumas) teorias. As vítimas, com certeza, serão os estudantes, e os ciganos.

Quanto à bibliografia cigana, o orientando costuma ser obrigado a virar-se por sua própria conta, sem orientação alguma. Ninguém ensina o que não sabe, ou orienta sobre um tema que ele próprio desconhece por completo, nem indica bibliografia que não tem, ou nunca leu. O resultado final costumam ser trabalhos com muitas e talvez belas considerações teóricas, mas pouquíssimas informações sobre os ciganos.

Em 1892, o ciganólogo português Adolfo Coelho fez o seguinte comentário sobre seu colega brasileiro Mello Morais Filho (1886):

"Como se vê (...) é interessante o livro do Dr. Mello Morais, e mais o fora, se o autor não preferisse os efeitos literários ao rigor científico e conhecesse um pouco mais de perto a literatura etnográfica européia ou, na falta desse conhecimento, não se perdesse em teorias (...)"⁵¹.

Mais de cem anos depois, a crítica de Adolfo Coelho continua valendo para a quase totalidade da produção ciganológica acadêmica no Brasil.

A talvez excessiva preocupação com teorias lembra uma observação de Claude Levi-Strauss, na década de 30, quando era professor, em São Paulo, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e na Escola de Sociologia e Política. A curta experiência brasileira de Levi-Strauss foi descrita no seu livro *Tristes Trópicos*, no qual ele fala, inclusive, dos seus alunos e do ambiente intelectual de São Paulo dos anos 30. Depois de confessar que sentia pena dos seus mal pagos colegas brasileiros que, para sobreviver, tinham que recorrer a "obscuros trabalhos", informa:

⁵¹ COELHO, A. , *Os ciganos de Portugal*, Lisboa: Dom Quixote, 1892(1995), p. 248

"Nossos estudantes tinham uma verdadeira fome intelectual, mas qualquer que fosse o assunto, só as teorias mais recentes mereciam seu interesse e sempre tinham entusiasmo por pratos novos. No seu caso poderia-se falar antes de moda do que de cozinha: idéias e doutrinas como tais não tinham para eles qualquer valor em si; eram antes um meio para dar prestígio àquele que primeiro se apropriasse delas. Compartilhar uma teoria com outros significava, portanto, algo como vestir a mesma roupa duas vezes, o que poderia expor a pessoa ao ridículo. Por isso existia uma luta feroz entre os concorrentes para ficar proprietário exclusivo do último modelo no campo das idéias (...). Consideravam a ciência como um dever, embora não tivessem o gosto correto pela mesma, nem nada soubessem de métodos científicos. Seja qual fosse o assunto, suas dissertações invariavelmente continham um resumo da história geral da Humanidade, que começava com os macacos antropóides, passava por Platão e Aristóteles até Comte, para terminar com a citação de um ou outro viscoso polígrafo, cuja obra tinha mais prestígio na medida em que era menos conhecido, porque justamente este fato justificava a esperança que nenhum outro ainda tivesse feito uso do mesmo"⁵².

Parece que desde então, pouca coisa mudou. Até o Lévi-Strauss (o antropólogo, e não "o das calças", como ele costumava dizer), foi depois durante muito tempo moda no meio científico brasileiro. As calças também, ainda mais do que o estruturalismo Levi-Straussiano.

Nas atuais dissertações (de mestrado) e teses (de doutorado) ciganológicas observa-se que os mestrandos e doutorandos em geral, embora nem sempre, destrincham arduamente as mais diversas teorias que depois, bem ou mal (ou quase sempre de modo algum), orientam suas posteriores pesquisas de campo. Sobre métodos e técnicas de pesquisa de campo, nada ou quase nada. Parece que muitos nunca leram nada sobre o assunto. Pesquisa de campo entre os ciganos, só no tempinho que resta após a dissecação teórica, e que em geral é reduzido ao mínimo necessário. Alguns nem sequer chegam a realizar pesquisa de campo entre ciganos.

Resta ainda a pergunta: qual foi a contribuição prática destes estudos para a solução da problemática cigana, para diminuir ou acabar com a discriminação e marginalização dos ciganos pela sociedade brasileira, para melhorar suas condições de vida, para defender seus direitos como cidadãos brasileiros? Algum destes estudos acadêmicos contribuiu para diminuir a ignorância dos brasileiros sobre seus conterrâneos ciganos? Ou contribuiu para diminuir o medo e os preconceitos que muitos brasileiros costumam ter dos ciganos?

Não cabe a mim julgar. Mas os atuais e futuros mestres e doutores em ciganologia

⁵² LEVI-STRAUS, Cl., *Het trieste der tropen*, Utrecht: Aula, 1962, pp. 91-92

podem ter certeza que este julgamento será feito, ou já foi feito, pelos próprios ciganos. E muitos concluirão que, salvo uma ou outra exceção, a produção destes mestres e doutores sobre os brasileiros ciganos serve apenas para a obtenção de um belo título, para melhorar o status acadêmico e eventualmente o salário destes “ciganólogos”, cuja obra quase sempre ficará inédita e depois é jogada num arquivo ou numa estante, onde sua utilidade prática será apenas a de servir de comida para traças e cupins.